

Cartografia de Índios e Bandeirantes :-

JAIME CORTESAO

Quando, em julho de 1730, o padre jesuíta Diogo Soares dava conta a d. João V das suas primeiras atividades e das de seu companheiro, o padre Domingos Capassi, incumbidos de traçar, como êle próprio dizia, o **Novo Atlas do Brasil**, de latitudes e longitudes observadas, acrescentava que já então juntara «grande cópia de notícias, roteiros e mapas dos melhores sertanistas de São Paulo, Cuiabá, Rio Grande e do Prata».

A inclusão, nesta série de regiões, de Cuiabá e Rio Grande convence que êsses mapas eram recentíssimos, pois tanto um como outro dêstes territórios mal acabavam de ser ocupados e entrar na história do Brasil. E quais os autores dêsses mapas de sertanistas ?

Dentro desta classificação cabem, é certo, bandeirantes prôpriamente ditos, isto é, sertanistas de S. Paulo, moldados pelo gênero e o estilo de vida do bandeirismo, e simples sertanistas de ocasião, — luso-brasileiros doutras capitânicas, reinóis de há muito residentes no Brasil, ou até servidores oficiais, civis ou militares, a quem o discorrer, em funções do Estado, por extensos territórios prestasse uma consciência aguda do espaço e a possibilidade de o representar.

Como todos os bandeirantes foram sertanistas, mas nem todos os sertanistas foram bandeirantes, a sumária menção do padre Soares não consente afirmar, sem mais análise, que alguns daqueles mapas fossem de bandeirantes. Apenas o conhecimento direto de tais documentos poderia trazer alguma luz sôbre o problema.

Conhece-se o paradeiro das **Notícias**, colhidas pelo padre matemático, recolhidas como foram à Biblioteca de Évora e hoje publicadas, mas ignora-se o paradeiro dos mapas. Ainda há pouco tempo estivemos naquela cidade portuguesa, pesquisando em sua biblioteca e arquivo, mas não deparamos ali sombra dêsse documentário.

Ora, estudando depois o fundo cartográfico da Biblioteca do Rio de Janeiro deparamos com algumas dezenas de mapas, seguramente traça-

dos por sertanistas e pertencentes ao período imediatamente anterior à chegada dos padres matemáticos ao Rio de Janeiro. Traçados a pena e a lápis sôbre fôlhas de papel, de grosseiro fabrico; classificáveis em grupos, segundo o estilo do traçado, quase sempre por demais sumário; e referidos a territórios recentemente descobertos ou economicamente valorizados, se todos carecem de nome de autor, alguns, ainda que poucos, foram datados entre 1721 e 1724.

Alargados em conjunto a quase todo o território brasileiro, são mais numerosos os que representam São Paulo nas suas conexões com os territórios que lhe são adjacentes até às Minas Gerais, Cuiabá, sul de Goiás e Paraná; numeram-se em segundo lugar as cartas monográficas das Minas e, em particular, do Sêro Frio; contam-se, em terceiro e último, as do Prata.

A data, certa ou provável, e a distribuição pelo território permitem até admitir a hipótese de que se trate dos «mapas de sertanistas», a que se referia o padre Diogo Soares na sua carta a d. João V.

Não foi sem emoção que demos com êsse tesouro e nos debruçamos e estudamos aqueles traçados. Caracterizados quase todos pelo seu primitivismo, o grupo dessas cartas que abrange a zona das **monções**, isto é, das expedições exploradoras e colonizadoras, que em épocas regulares partiam de S. Paulo para Cuiabá, sobressai pelos traços vigorosos e rápidos e prima sôbre os outros pela rudeza, a segurança e, se nos é permitido em caso tal, pelo poder de síntese.

Delas a mais importante e a que chamamos **Mapa da região das Monções de S. Paulo a Cuiabá**, deve ter sido incorporada à Biblioteca Nacional ou melhor, à Biblioteca Imperial, se não à Real, rasgada em três pedaços, que se encontravam dispersos, cada um em sua gaveta. A identidade do estilo e a continuidade dos territórios representados, fez-nos suspeitar de que fossem partes do mesmo todo; a conjugação das três, restabelecendo a peça única e primitiva, confirmou, por forma concludente, a hipótese.

Inclinamo-nos desde logo para que esse mapa, o grupo a que pertence e algumas outras cartas de estilo semelhante tivessem sido traçadas por mãos de bandeirantes. Mas tratava-se dum caso que suscitava necessariamente a aplicação dum método específico.

Naquele mapa vêem-se traçados os dois grandes troncos fluviais do Paraná, a um lado, com seus afluentes da margem esquerda, desde o Paranapanema ao Tieté, e da margem direita, desde o «Invinhema» até ao «Ussuriu»; e, do outro, o Paraguai, apenas com os afluentes do alto curso. A circunstância de se verem traçadas as indicações sumárias duma primitiva rota das monções pelos rios Verde e o Bototé e, na região do Cuiabá, se assinalar apenas o nome do rio e a situação das «Minas», mas não da povoação, só por si denunciava não só um mapa dum sertanista-bandeirante.

Estes fatos bastariam, pois, a admitir como hipótese muito provável, que se tratava da primeira ou duma das primeiras cartas da região das monções, com indicações sumárias das estradas respectivas, traçada, por consequência, cerca de 1720, quando se não estabelecera ainda a estrada de Camapuan e os paulistas monopolizavam inteiramente a exploração, quer do caminho, quer do território representado.

Anos atrás, havíamos encontrado e dado a conhecer a cópia duma carta dum bandeirante — Simão Bueno, feita em 1646, mas só agora podemos reconhecer a forte identidade de estilo com este grupo de mapas.

Numerosas como são, as cartas de sertanistas e bandeirantes evidenciam, em especial as últimas, que ao lado da renovação científica da escola de cartografia portuguesa, motivada pela expansão territorial e a formação da nova economia mineira e representada de início pelos dois Padres Matemáticos, nasceu, pelas mesmas razões, no Brasil e mais designadamente em S. Paulo, uma arte cartográfica nativa, em que do quadro da cultura portuguesa reponta vigorosamente o primitivismo do aborígene, como uma força constante e essencial.

Mais uma prova, ao que nos parece, de que o bandeirismo representa um hibridismo, quer do sangue, quer de culturas espaciais, afins.

Mas um caráter distintivo e profundamente marcante dêsse e do grupo semelhante dos mapas, transformou a hipótese em certeza: o primitivismo, ou melhor, o arcaísmo índio do traçado, vincadamente esquemático, cingindo-se quase sempre à rede hidrográfica, ou seja, aos sulcos que o tempo cavou no território e cujo conhecimento, por necessidade vital, maior atenção e interesse mereceu do aborígene.

A parte esse traçado da rede hidrográfica, tôdas as legendas se referem a caminhos fluviais e terrestres, a cachoeiras, a um ou outro «varador», deformação paulista da palavra portuguesa varadouro, a distâncias medidas em dias, e menciona-se apenas este conjunto de povoações: S. Paulo, Judiaí, Parnaíba e Sorocaba, núcleos e pontos principais de partida das bandeiras paulistas para oeste, norte e sul. Tudo isto se conjuga lógica e solidariamente para a conclusão da autoria dum bandeirante paulista. Mas é acima de tudo o irrecusável parentesco com a cartografia primitiva do aborígene que, a nosso ver, desfaz tôdas as dúvidas.

A tal ponto que, essa profunda afinidade nos surgiu desde logo como um critério seguro para distinguir dentre as cartas de sertanistas, as que são de bandeirantes. Colocando, lado a lado, as cartas a que nos estamos referindo e certos mapas de índios, recolhidos por Von den Steinen, no Alto Xingu, entre aborígenes, cuja cultura estava no estágio do primitivismo puro, a semelhança é flagrantíssima. Umas e outras denunciam o mesmo fundo cultural numa arte ao mesmo tempo simples, rude e vigorosa de exprimir os fatos geográficos, na sua essencialidade utilitária. Ao invés, os mapas a que poderemos chamar de sertanistas ou ainda de cartografia sábia, denunciam à primeira vista uma arte e cultura plástica, muito mais evoluídas.

Estamos, pois, em face dalguns notabilísimos e veneráveis documentos, as mais antigas e representativas peças no seu gênero. Há qualquer coisa de impetuoso e irreprimível, de poderoso e jeóvico nesse representar dum mundo novo de sertões, rios e tesouros, que acaba de sair do mistério e do caos.